
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: CONCEITOS E DISCUSSÕES

Ubiratan Silva Alves Licenciado pela Escola de Educação Física e Mestre em Psicologia da Educação pela Universidade de São Paulo, com especialização em Educação Escolar pela UNICAMP e Professor do Departamento de Ciências da Saúde na UNINOVE

Resumo

Com base nas teorias apresentadas por Howard Gardner (Inteligências Múltiplas) e Daniel Goleman (Inteligência Emocional), relacionadas à inteligência humana, este artigo busca oferecer um aprofundamento teórico das principais discussões sobre essas teorias. Cada teoria é apresentada em dois tópicos: no primeiro, por meio de uma explanação conceitual, pode-se perceber como foram concebidas e elaboradas a partir de conceitos resgatados da Psicologia; no segundo, cada teoria será apresentada de acordo com a singularidade e especificidade, descritas de maneira peculiar, a partir da óptica de sua identificação.

Palavras-chave: inteligência; inteligências múltiplas; inteligência emocional; psicologia.

Abstract

Based on the theories presented by Howard Gardner (Multiple Intelligences) and Daniel Goleman (Emotional Intelligence) related to the human intelligence, this paper searches to offer a theoretical deepening on the main discussions about these theories. Each theory is presented in two topics. In the first one, through a conceptual explanation, it can be perceived as these same ones were conceived and elaborated from concepts rescued in Psychology. In the second one, each theory will be presented in agreement with the singularity and specificity, described in a peculiar way from the optics of its identification.

Key words: intelligence; multiple intelligences; emotional intelligence; psychology.

Introdução

Antes de discorrer sobre as teorias recentes, vale ressaltar que, segundo Gardner (2000: 121), o termo teoria apresenta dois significados:

Os físicos reservam-no para um conjunto explícito de proposições conceitualmente ligadas, cuja validade individual ou conjunta pode ser aferida através de experimentação sistemática. Os leigos usam o termo de forma mais livre, referindo-se a qualquer conjunto de idéias manifestadas verbalmente ou por escrito.

Três questões fundamentais devem ser consideradas quando se discutem as questões relacionadas com a inteligência, segundo as concepções de Gardner. A primeira diz respeito à singularidade da inteligência ou a diversas faculdades intelectuais relativamente independentes. Os puristas, como Charles Spearman (1927) e seus discípulos Herrnstein e Murray (1995), defendem a noção de uma inteligência geral, única; já os pluralistas, como Thurstone (1938) e Guilford (1967), consideram a inteligência uma composição de muitos elementos dissociados.

A segunda refere-se ao fato de a inteligência ser herdada, ou não. Nas sociedades da Ásia Oriental que eram influenciadas por Confúcio, supunham-se pequenas as diferenças individuais em termos de dotes intelectuais, e a diferença se fazia presente no esforço pessoal para se atingir o sucesso. Darwin simpatizou com essa idéia afirmando que, se os loucos fossem executados, não haveria muita diferença entre os homens quanto à inteligência, e sim quanto ao zelo e à dedicação ao trabalho.¹ Já no Ocidente, Galton (1883), Terman (1916), Herrnstein e Murray (1995) afirmam que a inteligência é inata e que a pessoa pouco pode influenciar esse desenvolvimento.

1 A observação de Darwin está citada em Bowler, P. Defining Darwinist. *In. Time Literary Supplement*. 21/12/98.

A terceira relaciona-se ao fato de os testes de inteligência serem ou não preconceituosos. Nos primeiros testes, as suposições culturais eram explícitas, o que favorecia as respostas dos ricos. Nos anos 60, quando esses testes voltaram à tona, os psicometristas esforçaram-se para eliminar dos testes as perguntas preconceituosas.

Atualmente, vemos duas vertentes de estudos que discutem as questões relacionadas à inteligência: a teoria das Inteligências Múltiplas proposta por Gardner e a teoria da Inteligência Emocional proposta por Goleman. Ao fazermos uma leitura criteriosa de ambas, podemos perceber que elas não são opostas ou contraditórias, mas complementares, e com interligações entre seus principais fundamentos. Portanto, uma não deve anular a outra; ao contrário, as duas devem ser utilizadas de forma bastante ampla.

1. A teoria das inteligências múltiplas

Novas discussões sobre as modernas concepções a respeito da inteligência iniciam-se com a obra Estruturas da mente: a Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner (1994 b). Nesta obra, o autor apresenta os fundamentos teóricos nos quais se baseia para desenvolver sua teoria. Gardner (1994b:46) afirma que:

Uma competência intelectual humana deve apresentar um conjunto de habilidades de resolução de problemas capacitando o indivíduo a resolver problemas ou dificuldades genuínos que ele encontra e, quando adequado, a criar um produto eficaz e deve também apresentar um potencial para encontrar ou criar problemas por meio disso propiciando o lastro para a aquisição de conhecimento novo.

Retomando o conceito fatorial de inteligência, Gardner se revolta contra o modo reducionista de considerá-la (Q.I.) e insiste num ponto comum, que será, sem dúvida, o grande desafio para o século XXI: os papéis que representarão os diversos tipos de inteligências nas diversas ocupações profissionais. Enquanto as abordagens tradicionais de inteligência centralizavam o foco da matriz de talento no próprio indivíduo (partindo da hipótese de que as diversas capacidades das pessoas emergiam independentemente dos domínios particulares existentes nessa cultura), a visão contemporânea das inteligências múltiplas centraliza o foco da matriz de talento no binômio indivíduo-cultura (em vez de competências abstratas, identificam-se papéis significativos numa sociedade).

Para Gardner (1995), a inteligência representa fundamentalmente um *potencial biopsicológico*. Assim, o fato de um indivíduo ser considerado inteligente ou não, e em quais aspectos essa inteligência pode incidir com maior facilidade relaciona-se, principalmente, à sua herança genética e às propriedades psicológicas, variando de seus poderes cognitivos até as suas disposições de personalidade. Diante disso, o talento poderia ser encarado como sinal de um potencial biopsicológico precoce em algum dos domínios existentes numa cultura.

Gardner (2000: 47) conceitua inteligência como “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura”. Com essa definição, o autor acentua a idéia de que as inteligências não são como objetos, ou seja, não podem ser vistas nem contadas. As inteligências são potenciais presumivelmente neurais que podem ou não ser ativados de acordo com os valores da cultura específica, das oportunidades disponíveis e das decisões pessoais tomadas por indivíduos ou famílias, professores e outros. De acordo com esse conceito, anulam-se as antigas crenças de que inteligência é uma faculdade única, e o indivíduo, ‘inteligente’ ou ‘burro’.

Para esclarecer o que se entende por inteligência, Gardner (1995), em conjunto com David Feldman e Mihaly Csikszentmihalyi, diferencia três componentes básicos da personalidade: talento (potencial), domínio e campo. Enquanto o talento é um potencial biopsicológico, o domínio é entendido como a aplicação de determinado potencial para uma disciplina ou um campo de estudos relacionado a esforços humanos socialmente construídos. O campo, por sua vez, representa o conjunto de instituições e os juízes que determinarão os produtos que podem ser considerados de mérito. Portanto, cada domínio requer mais de uma inteligência, a qual pode ser desdobrada em vários campos.

O domínio descrito por Gardner (2000: 105) é:

um conjunto organizado de atividades dentro de uma cultura caracterizado por um sistema de símbolos específico e as operações dele resultantes. Qualquer atividade cultural que

conte com uma participação mais do que casual dos indivíduos, e na qual se possam identificar e cultivar graus de especialização, deve ser considerada um domínio.

Pode-se concluir que o campo é que decidirá sobre a construção do domínio e sobre os tipos de inteligência valorizados em cada cultura, como aponta Gardner (1995). O indivíduo talentoso (com potencial) é identificado à medida que sobressai em determinado domínio. Já o prodígio é aquele que sobressai entre os demais, demonstrando precocidade incomum. Finalmente, o perito é o indivíduo que atinge um alto grau de competência em algum domínio.

Os indivíduos considerados criativos resolvem problemas regularmente, ou elaboram produtos para determinados domínios. Os considerados gênios trabalham de maneira criativa em algum domínio, exercendo um efeito material na sua definição e delimitação. No futuro, os indivíduos que estão nesse domínio terão de lidar com as contribuições dos que são considerados gênios criativos. Segundo Gardner (1995)², quanto maior for a abrangência da contribuição do indivíduo para diferentes culturas, locais e épocas, mais gênio será considerado.

2 Gardner (1995: 53-4) apresenta, em forma de tabela, a matriz de talento relacionando a idade com a inteligência. Vale lembrar que a inteligência se apresenta em qualquer momento da vida.

O talento aparece no jovem quando está crescendo, e suas experiências tendem a ser cristalizadoras. A prodigiosidade acontece também na fase de crescimento, aumentando os recursos utilizados. A perícia desenvolve-se no período da pós-adolescência e depende do conhecimento e das habilidades cumulativas. A criatividade, que também se desenvolve no período pós-adolescência, pode entrar em choque com o domínio e com o campo no qual se insere, prevalecendo a assincronia produtiva. O gênio surge geralmente quando a pessoa atinge a maturidade.

Com base nesses conceitos, Gardner (1995) estabelece alguns princípios básicos que permitem a identificação³ das inteligências múltiplas:

3 Alves (2001) apresenta e aplica um questionário para identificação das inteligências.

1º– Há uma relativa autonomia das inteligências. Assim, uma faculdade cerebral pode ser destruída ou isolada, em razão de dano cerebral, sem afetar as outras;

2º– Enquanto os *idiots savants*⁴ podem apresentar um talento

4 Os *idiots savants* são indivíduos mentalmente deficientes, com um talento altamente especializado em determinada área, tal como cálculo rápido, memória ou execução musical. (Gardner, 1995: 14)

especial para determinada atividade, os prodígios podem apresentar uma acentuada precocidade apenas numa determinada área;

3º– A inteligência humana pode ser definida como um sistema computacional geneticamente programado, que pode ser ativado por tipos de informação apresentados interna ou externamente;

4º– As inteligências se desenvolvem em cada ser humano de modo diverso. Assim, o desenvolvimento pode basear-se no talento diferenciado de cada um ou por treinamento específico;

5º– A inteligência não se desenvolve de forma isolada, exceto em pessoas incomuns;

6º– Há diferentes competências para uma mesma inteligência;

7º– Testes de inteligência nem sempre testam o que pretendem testar. Testes do tipo 'lápiz e papel' excluem determinadas capacidades, principalmente as que envolvem interação com outros indivíduos;

8º– Grande parte da comunicação e representação humanas ocorrem por meio de um sistema de significados culturalmente projetados que captam formas importantes de informação. Os sistemas de símbolos são basicamente de três espécies: linguagem, desenho e matemática.

Gardner (2000) afirma que esses critérios não representam a última palavra na identificação das inteligências. No entanto, constituem um conjunto razoável de fatores que devem ser considerados nos estudos da cognição humana. Para ele, as inteligências são estritamente amorais, podendo ser usadas indistintamente para construir ou destruir. Devemos, então, esforçar-nos para cultivar tanto a inteligência como a moral, procurando uni-las. O uso construtivo e positivo da inteligência não acontece por acaso, e a decisão de como desenvolvê-la é uma questão de valores, e não de uma força computacional.

1.2. As inteligências múltiplas

Alicerçado nos critérios apresentados, Gardner (1994b) propõe 7 (sete) inteligências⁵:

1. *Lógico-Matemática*: é a capacidade de desenvolver raciocínios dedutivos e vislumbrar soluções para problemas, bem como a facilidade em lidar com números de forma efetiva ou com

5 Armstrong (2001: 160) apresenta uma lista de profissões categorizadas pelas principais inteligências.

outros objetos matemáticos envolvendo cálculos ou transformações. Inclui a sensibilidade a padrões e relacionamentos lógicos, afirmações e proposições (se - então, causa - efeito), funções e outras abstrações relacionadas. Pode ser detectada em profissionais, tais como: engenheiros, físicos, matemáticos e mestres de obras;

2. *Lingüística*: é a capacidade de lidar criativamente com palavras e usá-las de forma efetiva na língua corrente e de acordo com o sentido das mensagens. Esse uso pode ser oral ou escrito. Seu uso prático inclui a retórica (uso da linguagem com fins de convencimento), a mnemônica (uso da linguagem com fins de lembrar informações), a explicação (uso da linguagem com fins de informação) e a metalinguagem (uso da linguagem para falar sobre ela mesma). Pode ser detectada em escritores, radialistas, advogados e poetas;

3. *Espacial*: refere-se à competência especial para a percepção e administração do mundo viso-espacial, à direção no espaço concreto ou abstrato, à realização de transformações sobre essas percepções e à orientação apropriada sobre uma matriz espacial. Pode ser detectada em marinheiros, geógrafos, arquitetos e exploradores;

4. *Cinestésico-Corporal*: refere-se à facilidade em solucionar problemas relacionados ao corpo. É a perícia em trabalhar com objetos envolvendo o corpo como um todo ou em partes, expressando idéias e/ou sentimentos, produzindo ou transformando coisas. Pode ser detectada em atletas, artistas, bailarinos, atores, mecânicos e cirurgiões;

5. *Musical*: refere-se à facilidade em perceber, discriminar, transformar ou se expressar por meio dos diferentes tipos de sons, instrumentos musicais, sons naturais e musicais. Além disso, favorece a distinção de melodias, timbres, tons, ritmos e frequências. Pode ser detectada nos músicos, compositores e maestros;

6. *Interpessoal*: é a capacidade de relacionar-se bem com os outros, de perceber, compreender e fazer distinções das sensações alheias (humor, intenções, motivações), de ter empatia com o próximo. Esta sensibilidade está associada a expressões faciais, voz ou gestos. Pode ser detectada em líderes, sindicalistas, políticos e professores;

7. *Intrapessoal*: é a capacidade de autocontrole, de conhecer os próprios limites e potenciais, de estar bem consigo mesmo, de

administrar suas próprias sensações, sua auto-estima, autodisciplina e auto-imagem, agindo de forma adaptativa com base nesses conhecimentos. Pode ser detectada em psicólogos, terapeutas, assistentes sociais e comerciantes.

Para Gardner (1994a)⁶, as inteligências descritas são parte de uma herança humana genética. Portanto, em algum nível básico, podem manifestar-se independente da educação e do apoio cultural. Excetuando-se alguns seres excepcionais, em geral todos possuem algum potencial em cada uma das inteligências.

6 As inteligências descritas encontram-se mais exploradas na obra de Gardner: *Estruturas da mente: a teoria das Inteligências Múltiplas* (1994 b), na qual o autor aprofunda as questões que circundam cada uma delas.

O grande mérito de Gardner foi apresentar uma variedade de inteligências que incluem tanto aspectos intelectuais quanto não-intelectuais. Ao considerar as inteligências pessoais (competência interpessoal e intrapessoal) aspectos fundamentais de liderança, relacionamento, resolução de conflitos, análise social e satisfação interior sintonizada, o autor provocou um avanço considerável na forma de conceituar a inteligência, fornecendo alguns subsídios para o posterior desenvolvimento do livro de Goleman sobre a Inteligência Emocional (1995).

Embora todos os seres humanos possuam, de forma geral, todas as inteligências em determinado grau, alguns podem ser considerados donos de talentos diferenciados, à medida que apresentam algumas capacidades e habilidades de determinado tipo de inteligência extremamente bem desenvolvidas. Esse fato é muito importante para o desenvolvimento da cultura, pois são estes indivíduos que possuem um talento especial para propiciar avanços significativos nas manifestações culturais relacionadas ao tipo de inteligência no qual apresentam seus principais talentos. O desafio que Gardner (2000: 60) lança é “como aproveitar a singularidade a nós conferida na qualidade de espécie que exhibe várias inteligências.”

Em 2000, esse autor propôs mais três inteligências, além das sete apresentadas anteriormente: a Naturalista, a Espiritual e a Existencial. A inteligência Naturalista, considerada pelo autor como sendo razoavelmente desenvolvida em todo ser humano, revela-se por meio de uma grande capacidade no reconhecimento e na classificação de numerosas espécies da flora e da fauna de seu meio ambiente, podendo ser identificada por várias habilidades, tais como: atração diante do mundo natural, sensibilidade demonstrada

ao ver paisagens nativas, sentimento de êxtase ao estar em contato com este tipo de ambiente, facilidade de entender e de perceber as diferenças entre tipos diferentes de animais e de plantas. Pode ser detectada em botânicos, geógrafos, oceanógrafos, jardineiros, zoólogos e veterinários. A importância desta inteligência está comprovada na própria história da evolução das espécies, na qual a sobrevivência relaciona-se basicamente à habilidade de distinguir as espécies predadoras e as que servem de alimento ou brinquedo. As crianças têm uma grande predisposição para explorar o mundo natural, haja vista a grande popularidade dos dinossauros no imaginário infantil, principalmente na faixa etária que corresponde aos cinco anos de idade.

Em relação à inteligência espiritual, Gardner (2000) propõe três diferentes significados:

a- a preocupação com questões cósmicas

Aqui, evidenciam-se relações com experiências e entidades cósmicas difíceis de ser apreendidas, pois não fazem parte de um mundo materializado. Essas relações vão além do que se pode perceber diretamente e incluem os mistérios da nossa própria existência e das experiências que cada um tem com a vida e com a morte, explicitadas nas seguintes perguntas apresentadas por Gardner (2000: 72):

quem somos? De onde viemos? O que o futuro nos reserva? Por que existimos? Qual é o sentido da vida, do amor, das pedras trágicas, da morte? Qual é a natureza de nosso relacionamento com um mundo mais amplo e com seres que ultrapassam nossa compreensão, como nossos deuses ou nosso Deus?

O conteúdo destas indagações pode parecer simples, porém, na prática, torna-se muito complexo e polêmico. Conclui o autor (2000: 72) que tal conteúdo se refere a tudo, “à mente, ao corpo, ao self, à natureza, ao sobrenatural e, às vezes, a nada!”. Por outro lado, esses conceitos contrastam com os domínios da ciência e da matemática, que são relativamente delimitados e simples.

b- a conquista de um estado.

Inicialmente, é preciso que se distingam dois significados clássicos

de saber: o saber-como e o saber-que. O primeiro descreve os âmbitos da experiência ou domínios da existência cujo significado as pessoas buscam entender. Assim, certas culturas reconhecem que alguns indivíduos têm mais facilidade de atingir certos estados psicológicos, ou tiveram experiências ditas espirituais, tais como: estados de meditação, transe, imaginação transcendental, fenômenos psíquicos, espirituais ou intelectuais. Alguns indivíduos, como os místicos ou iogues, atingem facilmente esses estados e podem até ajudar outros indivíduos. Em relação ao segundo significado, esses estados podem ser atingidos pelos métodos tradicionais, como um conjunto de exercícios, ou por métodos personalizados, tais como: o uso de drogas alucinógenas ou experiências sensoriais – ouvir música, por exemplo. Portanto, essas duas formas de saber podem ser consideradas usos da mente, sejam estes profundos ou frívolos, inspirados ou mal-orientados.

c- o efeito nos outros

Alguns indivíduos são considerados espirituais pelos efeitos que podem causar em outras pessoas, seja por suas atividades, seja por sua existência. Esses efeitos podem ser benignos, tal como o exemplo de abnegação de Madre Teresa de Calcutá, ou malignos, como a conduta de Adolf Hitler. Alguns grandes líderes religiosos, como Buda ou Cristo, podem ser vistos como seres que atingiram um alto nível de consciência e uma ligação forte com o resto do mundo, desprezando o Eu por uma existência exemplarmente espiritual. Nesse sentido, alguns indivíduos transmitem um grande sentimento de espiritualidade, bem como possuem a capacidade de sensibilizar profundamente as pessoas próximas. Diante do quadro apresentado, Gardner (2000: 78) afirma que “o termo espiritual, com suas conotações manifestas e problemáticas”, deve ser deixado de lado, dando lugar a “uma inteligência que explora a natureza da existência em suas múltiplas formas. Assim, uma preocupação explícita com assuntos espirituais ou religiosos seria um tipo – muitas vezes o mais importante – de inteligência existencial”.

A inteligência existencial aparenta ser um campo menos ambíguo que o espiritual. Uma qualidade essencial que Gardner (2000: 78-9) propõe para essa possível inteligência é:

a capacidade de se situar em relação aos limites mais extremos dos cosmos – o infinito e o infinitesimal – e a capacidade afim que é a de situar em relação a elementos da condição humana como significado da vida, o sentido da morte, o destino final dos mundos físico e psicológico e experiências profundas como o amor de outra pessoa ou a total imersão numa obra de arte.

De maneira geral, a consciência humana, vista em seus sentidos mais plenos, pode pressupor uma preocupação com as questões existenciais. Gardner (2000) conclui que o tipo de inteligência Espiritual, se definido de forma mais estrita como Existencial, pode ser mais admissível.

Machado (1995) acrescenta a esse rol uma outra inteligência, denominada Inteligência Pictórica. Segundo o autor, antes mesmo de a linguagem escrita tornar-se acessível ao ser humano, havia os recursos pictóricos como elementos fundamentais para a comunicação e expressão de sentimentos, representando um canal por meio do qual as individualidades podem revelar-se. Utilizadas ao longo da vida, as diversas formas de expressão artística constituem um instrumento importante para o desenvolvimento da inteligência pictórica, embora nem sempre sejam valorizadas em sua justa medida. Machado (1995) descreve tal inteligência como sendo a capacidade de reproduzir ou criar imagens por meio de traços ou cores e de expressar-se pelo desenho. Pode ser detectada em desenhistas, grafiteiros, cartunistas e pintores.

Apesar disso, Gardner não aceitou a inteligência Pictórica como uma inteligência diferenciada, considerando que esta já constaria do conjunto das inteligências espacial, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Além disso, avaliou que ela não encontraria sustentação quando submetida aos critérios por ele preestabelecidos.

2. A teoria das inteligências emocionais

Influenciado por Gardner, um outro grupo de pesquisadores liderados por Daniel Goleman tem-se dedicado aos estudos recentes

sobre inteligência. Sua obra *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*, de 1995, tem suscitado inúmeras polêmicas sobre o assunto. Segundo o autor, o mais importante para a pessoa não é possuir apenas altos índices de conhecimento intelectual, mas apresentar facilidade em relacionar-se consigo mesma e com os que a cercam.

Baseando-se em pesquisas e trabalhos realizados no campo da neurofisiologia, Goleman afirma que o equilíbrio entre o 'eu' racional e o 'eu' emocional determina basicamente o talento nos campos pessoal e profissional. Mesmo reconhecendo que a dicotomia racional e emocional esteja sempre presente, defende a importância da emoção para o desenvolvimento da razão. De acordo com Goleman (1997: 42), "temos dois cérebros, duas mentes e dois tipos de inteligência: a racional e a emocional", complementares e independentes. Segundo ele, as questões emocionais impulsionam os indivíduos a buscarem felicidade. Assim, considera aptidões essenciais: a autoconsciência, a administração de sentimentos aflitivos, a manutenção do otimismo, a perseverança, a empatia, a cooperação, o envolvimento e a capacidade de motivar-se.

Pesquisas relacionadas à arquitetura emocional do cérebro demonstraram a existência de circuitos que determinam os comportamentos humanos. As experiências ocorridas no período da infância são os principais moldes formadores dos circuitos emocionais que comandam os comportamentos de medo, ira, paixão e alegria.

Goleman (1997) denuncia a formação preponderantemente acadêmica que a escola persegue. Apesar de preocupada com os conteúdos a serem ministrados, é fundamental que a escola possa repensar o equilíbrio entre a razão e a emoção. Embora os conteúdos representem aspectos que merecem consideração, as questões emocionais que apontam para o autocontrole, para a empatia, para a arte de ouvir, de resolver conflitos e de cooperar não podem ser esquecidas. Nesse sentido, Goleman (1997) é bastante radical ao afirmar que a Inteligência Acadêmica não oferece preparo algum para a vida social, emocional e profissional. Se as questões emocionais forem encaradas com maior profundidade, talvez possa haver uma significativa diminuição de atitudes de violência e de depredação observadas nos alunos, pois,

de acordo com Freud (1938), a vida emocional da criança afeta o comportamento do adulto.

As emoções impulsionam as diversas ações diante das situações de vida. A ira, o medo, a felicidade, o amor, o desprezo, o carinho, a surpresa e a tristeza representam emoções que acionam diversas alterações fisiológicas. Num momento de ira, por exemplo, o sangue se dirige para as mãos, estimulando a pessoa a bater ou a atirar. Existe um aumento da frequência cardíaca e de hormônios, como a adrenalina, que gera uma ação muito vigorosa. Já nas situações de medo, os centros emocionais disparam hormônios e o sangue segue o destino dos músculos esqueléticos, levando o indivíduo a correr, fugir, esconder-se ou até a ficar completamente imóvel. A felicidade inibe os sentimentos negativos, silenciando os pensamentos de preocupação. Neste estado emocional, não se observa nenhuma alteração fisiológica negativa, e a pessoa experimenta sensações de tranquilidade, repouso e entusiasmo, demonstrando disposição para atuar nas diversas tarefas. O amor é um estado emocional que se expressa pelo sentimento de afeto, de relaxamento, de calma e de satisfação. As questões de cooperação são bastante facilitadas nesse estado. O estado emocional de surpresa incide na capacidade visual, permitindo à pessoa enxergar melhor, à medida que aumenta a quantidade de luz na retina. Dessa forma, ela poderá tomar a melhor decisão. Na tristeza, ocorre uma diminuição da velocidade metabólica, o que gera uma queda de energia e de entusiasmo, contribuindo para que a pessoa se ajuste diante de uma perda significativa ou de alguma decepção. Tristeza, pessimismo, ceticismo e desconfiança são emoções que propiciam o aumento de doenças como asma, úlcera, ou dores de cabeça. Já a hostilidade pode aumentar a propensão a doenças cardíacas.

Ao descrever o cérebro, Goleman (1995) indica que ele possui um pouco mais do que um quilo de células e que seu crescimento ocorreu de baixo para cima. É na parte mais primitiva que estão os centros emocionais, o pensamento e os sentimentos. Por esse motivo, o aprendizado e a memória surgem posteriormente. Assim, a sede do pensamento no Homo Sapiens reside no neocórtex, permitindo certos sentimentos, tais como: a afeição materna e o compromisso com a criação dos filhos em longo prazo. As espécies sem neocórtex não têm esse tipo de anseio.

Em cada lado do cérebro, localizam-se as chamadas amígdalas (diferentes das encontradas na garganta), as quais, no homem, são maiores do que nos outros animais. Elas desempenham um papel decisivo nas questões emocionais. Quando ocorre algum tipo de traumatismo nessa região, e uma amígdala necessita ser retirada, a pessoa fica impossibilitada de avaliar o significado emocional dos fatos ou de sentir sensações como as de medo ou de raiva. Diante de algum sinal de perigo, são as amígdalas que põem em funcionamento a rota de emergência, preparando uma reação ansiosa ou impulsiva. Já no cérebro emocional, o neocórtex prepara uma resposta mais adequada, refletida ou apaziguadora. O lobo pré-frontal esquerdo regula as emoções desagradáveis, enquanto o direito regula o medo e a agressividade. Entretanto, quando a amígdala dispara, o lobo pré-frontal esquerdo desliga a emoção perturbadora.

Em pesquisa realizada com um grupo de estudantes em Harvard, que foram acompanhados em suas vidas emocionais e pessoais, verificou-se que aqueles que obtiveram melhores notas na Universidade não se mostraram posteriormente bem-sucedidos em suas vidas profissionais. Assim, um alto desempenho acadêmico não é o único passaporte para uma vida feliz. O que parece promover a felicidade é o modo como a pessoa reage diante das vicissitudes da vida, bem como o de lidar com seus próprios sentimentos e com os dos outros. Pessoas que não conseguem controlar sua vida emocional enfrentam constantes batalhas internas, perdendo a capacidade de pensar com clareza.

Mediante tais comprovações, Goleman (1999) propõe que se deva estimular no aluno o conhecimento das próprias emoções e o reconhecimento das emoções dos outros, levando-o a lidar com elas de forma mais consciente. A auto-observação é o ponto de início para que se possa ampliar a consciência dos próprios sentimentos por meio da atenção não reativa e não julgadora dos estados emocionais.

Gardner (2000: 89) faz uma crítica à teoria de Goleman afirmando que este:

descreve uma série de capacidades que tem a ver com conhecimento de emoções, controle de emoções e sensibilidade para os estados

emocionais próprios e de terceiros. Esta caracterização encaixa-se perfeitamente com minha noção de inteligência inter e intrapessoal (...) ele abandona o âmbito da inteligência, num sentido acadêmico, e entra nas esferas distintas dos valores e da política social.

2.1. As inteligências emocionais

Goleman (1995) aponta quatro tipos emocionais existentes entre as pessoas:

1. Os *autoconscientes*, que têm clareza das emoções, sendo capazes de nomeá-las de modo exato;
2. Os *mergulhados*, que são inundados pelas emoções e pouco conscientes dos próprios sentimentos, tendendo a descontrolar;
3. Os *resignados*, que têm clareza dos sentimentos, aceitando seus estados emocionais sem muita motivação para a mudança;
4. Os *somatizadores*, que apresentam sérias dificuldades para nomear as emoções e normalmente usam expressões como “sintome péssimo!”

Para o autor, as metáforas, as músicas e as fábulas ajudam a moldar a linguagem do coração, contribuindo para o desenvolvimento emocional. Portanto, devem ser utilizadas como importantes recursos dentro do currículo escolar. Por outro lado, as emoções negativas esmagam a atenção e a concentração e afetam a capacidade cognitiva. Alunos ansiosos, zangados ou deprimidos apresentam dificuldades para aprender, já que a preocupação baixa o rendimento.

Quanto mais disposto o indivíduo estiver para compreender as próprias emoções, mais facilidade terá em compreender as emoções dos outros. É a empatia que nos permite entender como o outro se sente, e isso pode ser apreendido pelo tom de voz, pelos gestos ou pelas expressões faciais. Contudo, a empatia é decorrente da autoconsciência e se desenvolve à medida que sabemos explicar o que nos acontece no plano emocional. Nas situações familiares, por exemplo, sempre que possível, é importante que os responsáveis expliquem à criança qual a natureza de seu erro, em vez de apenas

puni-la pelo erro cometido. Os casos extremos da falta de empatia podem resultar em atos cruéis, uma vez que a pessoa pode não sentir medo do que lhe poderá acontecer.

Para Wallon (1966), as manifestações emocionais nocivas podem fazer tão mal quanto o uso de drogas, cigarro ou álcool, visto que as emoções se expressam corporalmente.

A competência social, por sua vez, relaciona-se à capacidade de ser autêntico e à rapidez quanto à leitura das emoções dos outros. É importante a forma como uma pessoa se dirige a outra verbalmente, pois isso pode levá-la tanto a um constrangimento quanto a uma descontração. Pais ou professores emocionalmente aptos ensinam empatia à medida que mostram autodomínio e controle emocional no contato com os filhos ou alunos. São mais eficientes na ajuda, se tiverem a inteligência emocional desenvolvida, comportando-se de forma menos tensa, sendo sociáveis, simpáticos e sabendo ouvir. Conseqüentemente, esses filhos ou alunos compreendem melhor seus limites, tornam-se cooperativos e, com maior facilidade, comunicam e expressam suas emoções.

O alto índice de evasão escolar, para Goleman (1995), ocorre basicamente com indivíduos rejeitados. Tais alunos devem ser estimulados a relacionar-se, a responder adequadamente aos sentimentos dos outros e a saber controlar suas tensões e ansiedades, compreendendo qual deve ser o comportamento mais aceito nas diferentes situações cotidianas. A alfabetização emocional se inicia quando a pessoa aprende a lidar com a ira e com a tristeza, respeitando as diferenças quanto ao modo de encarar as dificuldades da vida. Ao professor cabe a tarefa de desenvolver a autodisciplina e a capacidade de automotivar-se, além de saber enfrentar as pressões da sociedade para resolver os conflitos. A aprendizagem emocional decorre também de aspectos cognitivos, tais como: falar consigo mesmo, ler e interpretar as influências sociais, tomar decisões, resolver problemas e compreender a perspectiva do outro.

Para Goleman, citado por Antunes (1998), a fórmula mágica para ter sucesso na vida depende de uma boa combinação entre uma inteligência matemática razoável, uma boa inteligência verbal, um satisfatório desempenho corporal, musical e espacial e um autoconhecimento emocional. Segundo Dantas (1992), quando a razão está em alta, a emoção está em baixa, e quando a emoção

está em alta, a razão está abafada, como num efeito gangorra. Portanto, podemos concluir que a base sólida para a busca da felicidade é o equilíbrio entre razão e emoção.

Buscar esse equilíbrio é uma tarefa para toda a vida.

Referências bibliográficas

ALVES, U. S. *Inteligências na Educação: percepção dos alunos e relações com a escola*. Dissertação de mestrado, São Paulo, Faculdade de Educação da USP, 2001.

ANTUNES, C. *A inteligência emocional na construção do novo Eu*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ARMSTRONG, T. *Inteligências múltiplas na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2. ed., 2001.

FREUD, S. *The Basic Writings of Sigmund Freud. Translated and edited with an introduction by Dr. A. A. Brill*. New York: The Modern Library, 1938.

GALTON, F. *Inquiries into Human Faculty and its Development*. New York: MacMillan, 1883.

GARDNER, H. *A criança pré-escolar: Como pensa e como a escola pode ensiná-la*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.

_____. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994b.

_____. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Inteligência: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. *Inteligência Emocional: a arte de educar nossos filhos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

_____. *Trabalhando com a Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GUILFORD, J. P. *The structure of Intelligence*. New York: McGraw Hill, 1967.

HERRNSTEIN, R.; Murray, C. *The Bell Curve Wars; Race, Intelligence and Future of America*. New York: Basic Books, 1995.

MACHADO, N. J. *Epistemologia e Didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. São Paulo: Cortez, 1995.

SPEARMAN, Ch. *The abilities of man*. New York: Mac Millan, 1927.

TERMAN, L. *The Measurement of Intelligence*. Boston: Houghton Mifflin, 1916.

THURSTONE, L. L. *Primary Mental Abilities*. Chicago: Univ. Chicago Press, 1938.

WALLON, H. *Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Lisboa: Portugalia, 1966.